



## O CENTRO AGROPECUÁRIO DA PALMA COMO FAZENDA PEDAGÓGICA PARA O CURSO DE TURISMO DA UFPEL: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS CULTURAIS

JORGE RENATO LIMA JUNIOR<sup>1</sup>; RODRIGO MESQUITA<sup>2</sup>; GISELE SILVA  
PEREIRA<sup>3</sup>; ANDYARA LIMA BARBOSA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jorgerlimaj@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – rodrigohoms@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – gisele\_pereira@hotmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – andyaraviana@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O Centro Agropecuário da Palma (CAP) é uma propriedade rural da UFPel que funciona como uma ‘fazenda pedagógica’ para os cursos de graduação e pós-graduação, atendendo diferentes áreas de ensino e, em especial, as áreas das Ciências Biológicas e da Terra. Desse modo, é uma área que pode servir também para o desenvolvimento de ações de ensino, pesquisa e extensão do Curso de Bacharelado em Turismo desta IES.

Diante disto, o projeto de pesquisa chamado Palma Turismo teve como objetivo geral inventariar o CAP de maneira a formar um compilado de informações capazes de subsidiar a utilização deste espaço como ‘fazenda pedagógica’ também para o curso de Turismo de forma a, futuramente, desenvolver e consolidar ações de ensino-aprendizagem, inclusive, via extensão, oportunizando melhor experiência formativa aos discentes no que se refere à materialização prática de algumas das várias teorias, técnicas e reflexões desenvolvidas nas diferentes disciplinas do Curso. Especificamente, para o presente estudo, destaca-se o objetivo de identificar os aspectos culturais que permeiam o CAP.

Como subsídios teóricos, enfoca-se o turismo pedagógico como uma prática capaz de aliar o aprendizado ao deslocamento. Para Swarbrooke e Horner (2002, p.64) o turismo pedagógico seria “o viajar para aprender”; o ato de deslocar-se do local habitual para aprimorar o conhecimento já adquirido. Através do turismo pedagógico a formação dos alunos não mais precisa estar atrelada à concepção de uma educação que se viabiliza apenas nos espaços formais das instituições de ensino, podendo ser contemplada por ações educativas que priorizem uma ampliação de horizontes para além dos seus muros, utilizando ambientes informais de forma complementar, estimulando também os aspectos afetivos e emocionais e não apenas os cognitivos do ser envolvido na aprendizagem (MARINHO; GÁSPARI, 2003 APUD LESSA, 2019). É o momento em que os alunos observam e/ou vivenciam no lócus a prática dos conteúdos abordados em sala de aula.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa deu-se a partir de metodologia qualitativa de natureza aplicada, que descreveu o CAP em termos de sua constituição histórica e, para isso, usou tanto revisão bibliográfica e documental quanto informações diretamente colhidas através da oralidade; revisões bibliográficas e documentais também foram usadas para fins de caracterizar clima, geomorfologia, fauna e flora; em termos de



infraestrutura e equipamentos fez-se uso de instrumentos próprios como os formulários de inventariação de propriedades rurais; em termos das atividades agrícolas, pastoris e silvícolas foram realizadas entrevistas semiestruturadas e ainda, a visitação ao local para coleta de informações, realização de mapeamentos, entre outros. Os resultados são apresentados de maneira descriptiva.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história do CAP, remonta a família do Coronel Alberto Rosa. Na época, tal local era chamado de Estância da Palma e Pavão e pertenceu a Dona Sulpícia Moreira Rosa que, em 1921, nomeia em testamento os herdeiros desta Estância e dos demais bens. Como primeiro herdeiro nomeou o seu esposo, Coronel Alberto Roberto Rosa. (Fórum Municipal; 3a. Vara Civil. Inventário – 1921, s.p.). Com a morte do Coronel, o seu filho, o Dr. Alberto Moreira Rosa, herda a extensão de terra, com casa de moradia, galpões, mangueiras e outras benfeitorias. Em junho de 1937, o Dr. Alberto Moreira Rosa e sua esposa, Edwina de Godoy Rosa, doam a Estância da Palma ao estado do Rio Grande do Sul, cessionário do acervo do extinto Banco Pelotense, de quem o Coronel foi fundador e diretor. De posse do Estado, em 1941 o local - uma fração de terra medindo 12 milhões, 557 mil e 429 metros quadrados, localizada no então distrito do Capão do Leão, foi doado à Prefeitura Municipal de Pelotas com o encargo de ser mantido no local a fazenda experimental da Escola de Agronomia Eliseu Maciel, bem como as instalações necessárias às funções técnicas da Escola. No ano de 1946, a Prefeitura Municipal de Pelotas transfere o título de posse das terras ao Ministério da Agricultura, ficando estabelecida a exigência de manter a fazenda experimental da Escola de Agronomia. Desta forma, a Palma foi incorporada como patrimônio da União, assim como todos os bens pertencentes a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM).

Quando, em dezembro de 1969, o decreto número 65.881 aprova o estatuto da fundação da Universidade Federal de Pelotas, inclui-se como patrimônio dessa a FAEM e a Estação Experimental da Palma (denominação que vigorou desde 1968). Após, uma portaria da UFPEL de 19 de janeiro de 1983, à vincula sob jurisdição da Reitoria. Com a portaria de 1 de outubro de 1986, cria-se o Conselho Diretor da Estação Experimental da Palma, e essa adquire autonomia para que surja o Centro Agropecuário da Palma, que "tem como principal objetivo apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão, na área das Ciências Agrárias". (PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DO CAP, 1987 APUD GOMES, 1994).

No ano de 1992 a Fazenda da Palma foi ocupada por agricultores sem-terra. Um acordo de comodato entre a Universidade e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) previu a permanência dos agricultores no local por 15 anos. Esse prazo terminou em 2007 e os agricultores permaneceram ali, de forma irregular por três anos, ou seja, até o ano de 2010 quando, o Conselho Universitário da Universidade Federal de Pelotas decidiu devolver ao patrimônio da União parte da Fazenda da Palma. Com a devolução da área, o INCRA se compromete em destinar recursos para a criação de um centro de formação agropecuária. Atualmente moram no local, cerca de 22 famílias que plantam e criam animais em uma área de 495 hectares.



Em abril de 2017, criou-se o Conselho Acadêmico da Palma, constituído por discentes e docentes de graduação e pós-graduação ligados aos cursos de Agronomia, Veterinária, Zootecnia, além de outros. O Conselho tem como membros permanentes a Vice-Reitoria, unidade onde a Palma está vinculada, e a Direção do CAP.

Ainda com relação aos aspectos histórico-culturais identificados pela presente pesquisa, sabe-se que com a morte do Coronel Alberto Rosa, herda seu filho, o Dr. Alberto Moreira Rosa, a extensão de terra – Estância da Palma e Pavão com casa de moradia, galpões, mangueiras e benfeitorias. Da então casa de moradia, chamada de solar, nos dias atuais, nada mais se vislumbra. (MARTINS; OLIVEIRA, 1982 APUD DIAS, 2006). Entretanto, existe um túnel supostamente ligado ao solar, que percorre uns cinco metros terra adentro. O que se narra é que o túnel teria servido como abrigo e rota de fuga em tempos de guerra ou para atacar inimigos de surpresa, dado que o senhor Alberto Rosa ter sido militar (DIAS, 2012). Dizem os moradores que ninguém consegue entrar no túnel, que se localiza junto a um pequeno capão de mata nativa, pois nele nenhum tipo de iluminação permanece em funcionamento. Que algumas pessoas tentaram entrar, porém o local é bastante sujo e alagado, com muitos animais peçonhentos e que tinha relatos de que ‘ao tentar entrar no túnel boas coisas não aconteciam’.

Existem relatos que versam sobre causos usuais no imaginário popular, de assombração e outros tipos de mistérios, tais como: a bola de fogo que aparece à noite; as bruxas que, gargalhando, cavalam a noite, deixando os cavalos agitados em suas cocheiras e que, no dia seguinte, tinham as crinas transadas. Um relato curioso sobre as bruxas, contado para Dias (2015), por uma antiga moradora do local na década de 1980, dizia que quando era nova, havia uma bruxa que rodeava sua casa e durante a madrugada dava batidas na porta e nas paredes de madeira, como se estivesse querendo entrar a qualquer custo. Segundo ela, sua mãe tinha por hábito colocar uma carreira de sal no chão junto às portas da casa para impedir que a bruxa entrasse; esse ritual era acompanhado de muitas orações protetivas.

Dias (2015) escreve também sobre uma mulher vestida totalmente de branco, as vezes identificada como uma noiva. A suposta pessoa perambula pela propriedade e por uma estrada de chão batido que liga a Vila do Horto Florestal à sede da Fazenda da Palma. Assim sendo, tal caminho era evitado por andarilhos à noite, pois desde sempre, contam-se várias histórias sobre assombrações e visagens. Quem já presenciou a aparição, diz que a mulher passa pelo andarilho sem dizer nada ou esboçar nenhuma reação, parece que está flutuando e, quando passa próximo ao andarilho, o sujeito sente uma sensação de frio arrepiante.

Existe ainda referência a assombrações junto a uma figueira, que também são causos comuns no Estado. Na Palma, tais narrativas envolvem a grande figueira de longos e retorcidos galhos que se localiza perto do portão da fazenda de quem chega pela estrada do Pavão. Os relatos são diversos, mas indicam que em noites escuras é possível avistar vultos dependurados nos galhos mais altos, como se fossem espíritos de enforcados; mais precisamente, de escravos enforcados (DIAS, 2015).

Também existe o relato de um homem vestido de preto ou homem preto que aparecia nos caminhos perto da meia-noite. Trata-se de uma visagem, pois nenhum relato informa que o tal homem interagisse com os passantes de alguma forma. Ele simplesmente aparece e logo desaparece, sem ninguém saber quem é, de onde veio ou para onde vai. Alguns comentam que ele traja um chapéu de



aba reta e capa de tropeiro (DIAS, 2015).

Ao comparar-se os relatos obtidos através da análise documental com os provenientes das entrevistas com três famílias que vivem na Palma, conta-se que os participantes da pesquisa não narraram ter tido nenhuma experiência pessoal e direta ligada aos causos populares. Entretanto, relatam que os vigilantes da propriedade viam uma mulher de branco transitando entre a porteira em direção ao túnel, num trajeto que demorava em torno de 30 minutos em noite de lua cheia no horário das 23h às 00h.

Um outro morador, quando questionado sobre relatos e causos ocorridos no local, conta que nunca presenciou nada inusitado, mas que seu avô contava que foi encontrado, onde hoje é localiza-se uma espécie de gruta, uma jovem morta, bem bonita e com os cabelos compridos e lisos e com unhas longas que ninguém sabia quem era; após este fato, foi construída a gruta onde algumas pessoas passaram a se reunir para acender velas, rezar e realizar pedidos.

#### 4. CONCLUSÕES

O presente resumo teve, especificamente, o objetivo de identificar os aspectos culturais que permeiam o CAP. Neste escopo, relata especificidades históricas culturais que, sob a ótica do estudo do patrimônio imaterial, apresenta potencialidades para a composição de atividades relativas a trilhas - 'Os caminhos da Palma', com possibilidades de se trabalhar a educação patrimonial a partir da cultura popular no que tange aos causos, às lendas e outros, aliando-se a essas narrativas outros aspectos culturais e biogeográficos identificados, oportunizando o desenvolvimento de atividades de interpretação patrimonial, de comunicação com projetos de sinalização, zoneamento e outros que ainda serão, certamente vislumbrados.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, J. **Estância da Palma**. Acessado em 15 ago. 2019. Disponível em <http://professorjoaquimdiias.blogspot.com/2006/09/estancia-da-palma.html>. 2006.

DIAS, J. **O Caminho Assombrado da Palma**. Acessado em 15 ago. 2019. Disponível em <http://professorjoaquimdiias.blogspot.com/2015/07/o-caminho-assombrado-da-palma.html>. 2015.

LESSA, R. M. **Turismo e Educação**: O turismo e suas possibilidades como meio de ensino e aprendizagem no ensino fundamental - Um estudo exploratório. Monografia. Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Pelotas/RS, 2019.

SWARBROOKE, J; HORNER, S. **O comportamento do consumidor turista**. São Paulo: Aleph, 2002. (Série Turismo).